

RELAÇÃO TREINADOR-ATLETA: PERCEPÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA E COESÃO POR EQUIPES DE VOLEIBOL DE PRAIA

Felipe Brandão dos Santos Oliveira¹

Maria do Socorro Cirilo de Sousa²

Gilmário Ricarte Batista³

Jefferson da Silva Novaes⁴

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar e comparar a percepção do atleta em relação ao comportamento de liderança e coesão do treinador, durante o período de competição do Circuito Banco do Brasil de Voleibol de Praia 2009. O estudo comparativo utilizou uma amostra a partir da colocação final das duplas, que totalizaram 10 (N=20), sendo 5 de alta e 5 de baixa qualificação esportiva, divididas em: G1 (n=10) média de idade 28±3 anos, primeiros colocados e G2 (n=10) 20±3 anos, últimos colocados. Aplicou-se a Escala de Comportamento do Treinador – Percepção Atleta sob 5 dimensões: treinamento físico, habilidades técnicas, incentivo psicológico, estabelecimento de metas e relacionamento com o treinador. Utilizou-se o *SPSS 14.0* para estatística inferencial (*Mann-Whitney U*) e nível de significância de 5%. ($p < 0,05$). Encontrou-se diferenças significativas entre o G1 e G2 no treinamento e condicionamento físico ($p=0,000$), nas habilidades técnicas ($p=0,004$), na preparação mental ($p=0,033$), nas metas a serem alcançadas ($p=0,033$) e na percepção do atleta com relação ao treinador ($p=0,001$). A percepção do atleta em relação ao comportamento de liderança e coesão do treinador apresenta-se melhor na equipe de alta qualificação desportiva do Voleibol de Praia Brasileiro, classificadas até o quinto lugar.

Palavras-chave: Liderança. Motivação. Medicina do comportamento.

¹ Mestre em Medicina do Esporte e Doutorando em Ciências do Desporto. Professor do Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ/PB e da Faculdade de Medicina Nova Esperança – FAMENE. Endereço para correspondência: Rua Jacinto Dantas, 94, apt. 404 – Manaíra - João Pessoa – Paraíba – Brasil. Cep: 58038-270. Tel: (83) 9332-0344/8801-0008. E-mail: fe_brandaojp@hotmail.com

² Pós-Doutora em Ciências do Desporto (UTAD, Portugal). Docente da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

³ Doutor em Ciências da Saúde (UFRN). Docente da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/PE.

⁴ Pós-Doutor em Educação Física (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Portugal). Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ/RJ.

INTRODUÇÃO

No processo do treinamento desportivo, especificamente do Voleibol de Praia, percebe-se que a relação treinador-atleta é fator preponderante no desempenho profissional. Entende-se que a conduta social, profissional e o comportamento de ambos são determinantes da *performance* esportiva e profissional^{1,2}. A ação pedagógica estabelecida deve abrir um espaço de reflexão para intervenção, de forma recíproca entre as partes envolvidas. Caracterizar melhor os ambientes afetivos que surgem nas situações de treino desportivo, no âmbito da psicologia desportiva, tem sido objeto de pesquisa, principalmente pelas lacunas apresentadas no conhecimento produzido nesta área³.

No contexto de treinamento, as funções do treinador se convergem para formação técnica, pedagógica e psicológica dos praticantes. O comportamento adotado nesta convivência pode ser fator positivo ou negativo de impacto, tanto sobre o desempenho dos atletas, quanto do próprio treinador. Entretanto, o controle e o conhecimento dos aspectos que afetam a díade treinador-atleta deverão ser, prioritariamente, considerados pelo treinador¹. Este deve conduzir os treinamentos, na perspectiva de melhorar a relação com os atletas tornando-a saudável e produtiva⁴, pois tendem a permanecer entre 4,5 ou mais horas por dia, ao longo de meses e anos, em companhia dos atletas⁵.

Deste modo, o objetivo desta pesquisa é analisar e comparar a percepção do atleta em relação ao comportamento de liderança e coesão do treinador durante o período de competição do Circuito Banco do Brasil de Voleibol de Praia - 2009. Visto que a liderança “é um processo que inclui influenciar os objetivos da tarefa e as estratégias de grupo ou organização, influenciando as pessoas na organização a implementarem as estratégias e alcançar os objetivos, influenciar a manutenção e identificação do grupo, e influenciar a cultura das organizações”. E liga-se diretamente com a coesão, pois está refletida a força de união entre os membros do grupo. A origem deste termo, segundo Carron³, vem da palavra do latim “*cohaesus*”, que significa manter-se fiel ou permanecer unido.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram utilizados como critérios de inclusão a inscrição dos atletas na Confederação Brasileira de Voleibol e a participação no Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia – 2009. Neste estudo comparativo, o universo foi de atletas federados participantes do Circuito Banco do Brasil de Voleibol de Praia – 2009. A amostra foi selecionada a partir da colocação final das duplas que totalizaram 10 duplas (N=20) de Voleibol de Praia, sendo 5 de alta e 5 de baixa qualificação esportiva, divididos em 2 grupos: G1 (n=10) média de idade 28 ±3 anos, primeiros colocados e G2 (n=10) média de idade de 20±3 anos, últimos colocados.

A coleta realizou-se em conformidade com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), do parecer número 16/09, durante a permanência dos atletas na arena, antes dos jogos e na ausência do treinador, na última etapa do Circuito do Banco do Brasil de Voleibol de Praia - 2009.

Utilizou-se o questionário com a Escala de Comportamento do Treinador - Percepção Atleta (ECT-A), elaborado e validado por Moraes et al.⁶ O ECT-A é constituído de 12 questões demográficas e 41 distribuídas em cinco dimensões: treinamento e condicionamento físico, habilidades técnicas, preparação mental, estabelecimento de objetivos e relação treinador-atleta (reforço pessoal positivo e reforço pessoal negativo).

A análise dos dados realizou-se em arquivo de programa *Statistical Package for Social Sciences – SPSS for Windows* (versão 16.0), para retirada de estatística descritiva de média, desvio-padrão, valor máximo e mínimo e inferencial com teste não – paramétrico para amostras independentes de *Mann-Whitney U*, com nível de significância de 5% ($p < 0,05$). Ainda na tentativa de melhor elucidar as relações existentes entre as variáveis, utilizou-se o método estatístico de estudo da proporcionalidade, e para transformar os valores em um único intervalo, se utilizou a seguinte equação (valor observado – menor valor observado) / (maior valor observado – menor valor observado) citado em Moreira Dantas⁷ e Diaz et al⁸.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode-se observar a média de idade e o desvio padrão do grupo de alta qualificação (G1) e o de baixa qualificação (G2), ambos compostos por 5 duplas de Vôlei de Praia; observa-se também o tempo que estão treinando, juntamente com seu treinador; as horas de treinamento semanal; e os anos de prática que ambos os atletas possuem. Estas questões constam na primeira parte do questionário contido na Escala de Comportamento do Treinador – Visão Atleta (ECT-A), relacionado a Experiência no Esporte (tabela 1).

Tabela 1 – Idade dos atletas, tempo de treinamento com seus treinadores, horas de treino semanal e anos de práticas dos atletas.

Variáveis	G1 (n=10)		G2 (n=10)			
	μ	$\pm s$	Mín - Máx	μ	$\pm s$	Mín - Máx
Idade (anos)	28,20	$\pm 3,76$	23 - 34	20,90	$\pm 3,51$	16 - 26
Tempo de Treino com o Treinador	5,10	$\pm 1,85$	3 - 9	2,00	$\pm 0,81$	1 - 4
Horas de Treino Semanal	45,00	$\pm 7,07$	30 - 50	10,40	$\pm 5,54$	5 - 20
Anos de Prática	11,70	$\pm 6,20$	5 - 24	7,90	$\pm 4,77$	1 - 15

Legenda: μ - Média da Idade; s- Desvio Padrão; G1- Grupo de Alta Qualificação; G2- Grupo de Baixa Qualificação

O teste de *Mann-Whitney U* para amostras independentes foi aplicado para verificar significância entre os grupos estudados (G1 e G2) no que se refere às questões relacionadas com os 5 blocos do questionário (figura 1). No conjunto de questões (Q1 a Q7) relacionadas com o programa de treinamento e condicionamento físico, pode-se observar diferenças significativas no comportamento dos sujeitos da “Relação Treinador-Atleta no Q1 ($p = ,001$), Q3 ($p = ,001$), Q4 ($p = ,005$), Q5 ($p = ,005$) e Q6 ($p = ,000$).

*

*

*

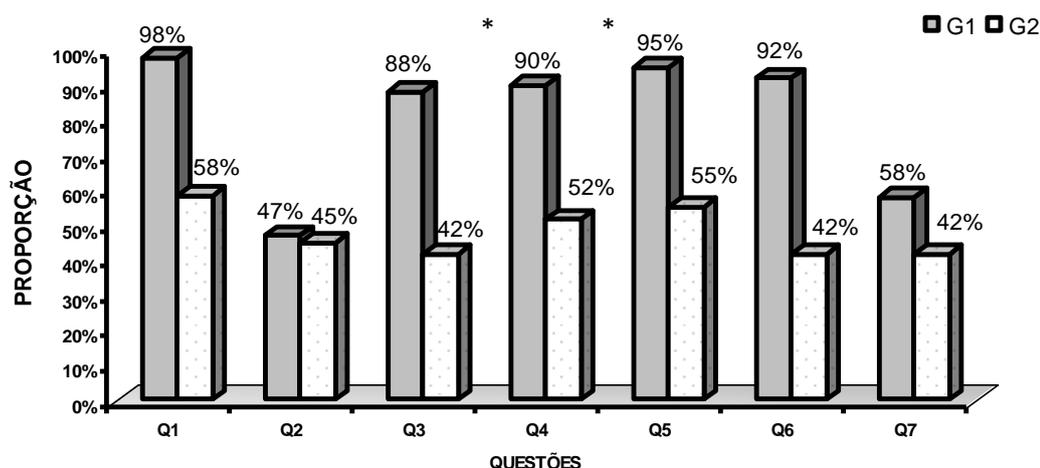


Figura 1: ECT-A das questões referentes do treinamento e condicionamento físico dos atletas.

* $p < 0,05$

Legenda: G1 – Alta Qualificação; G2 – Baixa Qualificação.

Na segunda dimensão, relacionada às habilidades técnicas, nota-se em relação ao *feed-back* a mesma situação em ambos os grupos, ou seja, indícios que demonstram coesão entre o técnico e os atletas. Entretanto, a Q8 apresenta diferenças significativas ($p=0,004$) com valores mais baixos para o G2 indicando que há insegurança e falta de compromisso com relação à orientação que seus respectivos treinadores lhes oferecem, fator primordial na aprendizagem e fixação dos exercícios (figura 2). Visto que o treinador tem um papel importante na condução dos treinamentos, devendo saber a melhor maneira de ter uma relação saudável e produtiva com os seus atletas.

*

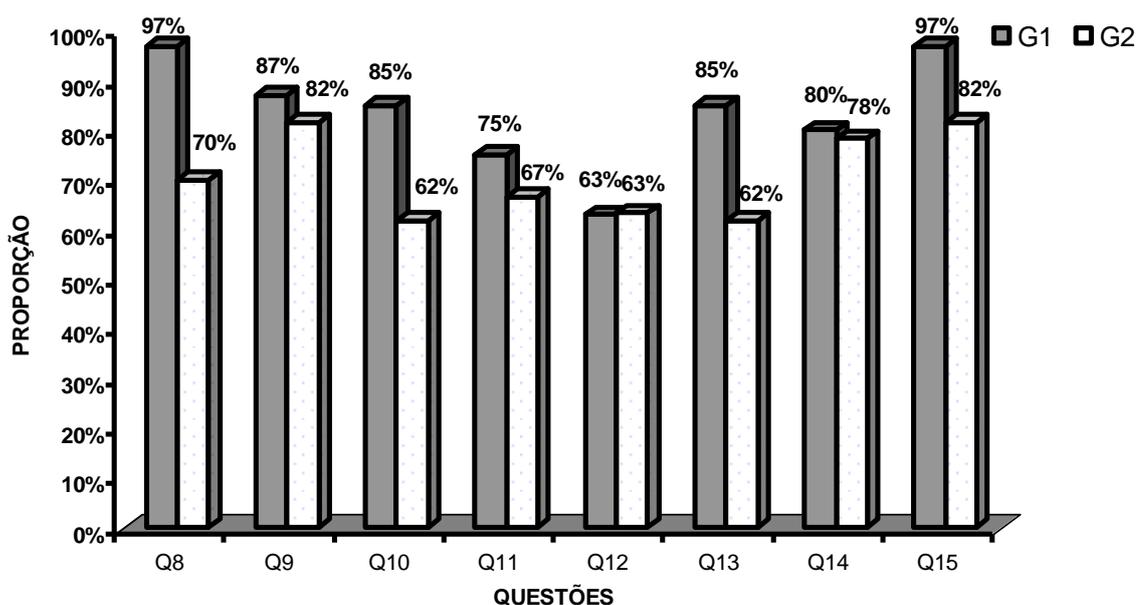


Figura 2: ECT-A das questões referentes às habilidades técnicas dos atletas.

* $p < 0,05$

Legenda: G1 – Alta Qualificação; G2 – Baixa Qualificação.

No que diz respeito a preparação mental, componente da terceira dimensão, observa-se uma igualdade no comportamento dos sujeitos na “Relação Treinador-Atleta”, exceto nas Q16 ($p = ,033$) e Q18 ($p = ,044$) que há uma preparação e um incentivo com relação ao apoio e a ajuda mental, ou seja, um trabalho de motivação que os treinadores realizam com seus atletas no G1. Na verificação das Q16 e Q18 do G2, pode-se perceber que o atleta indica despreparo, falta de motivação e de interesse por parte dos treinadores. Treinadores com estas características, inconscientemente, reforçam o despreparo mental dos atletas, o que poderá influenciar consideravelmente seus resultados finais, em competições⁹ (figura 3).

*

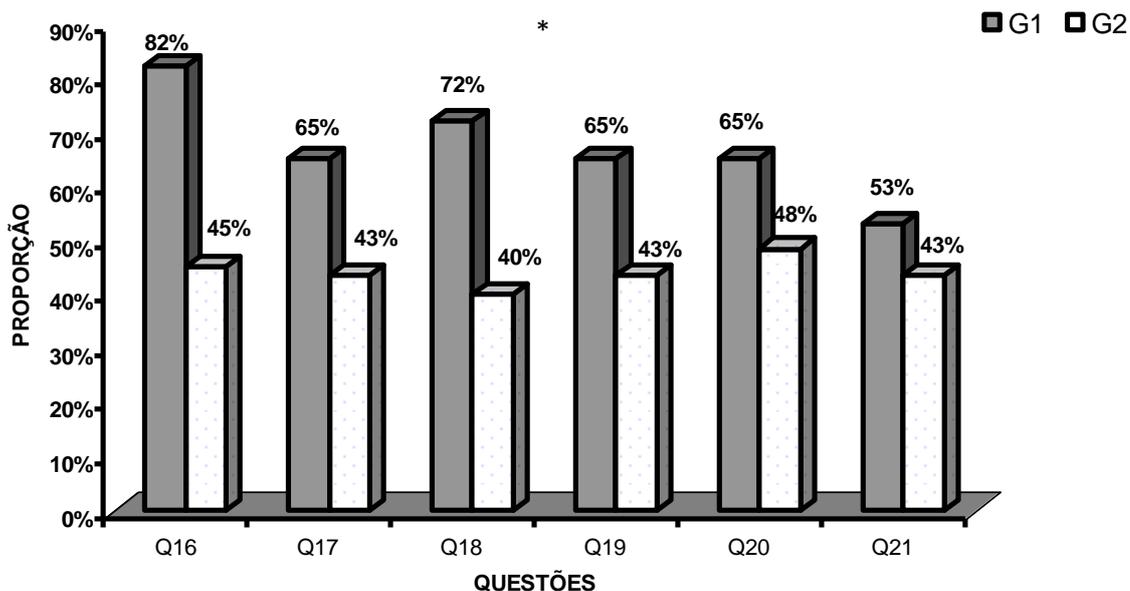


Figura 3: ECT-A das questões referentes ao treinamento mental dos atletas.

* $p < 0,05$

Legenda: G1 – Alta Qualificação; G2 – Baixa Qualificação.

No que se refere à quarta dimensão analisada, objetivos (metas) a serem alcançados, observa-se que existem diferenças significativas no comportamento dos sujeitos nos diferentes níveis de qualificação esportiva, nos Q22 ($p = ,001$), Q24 ($p = ,005$), Q25 ($p = ,005$), Q26 ($p = ,001$) e no Q27 ($p = ,001$). No G2 o atleta demonstra um sentimento de descaso do treinador relacionado ao estabelecimento de objetivos (metas), não existindo dessa forma uma coesão suficiente para que ocorra uma melhoria na “Relação Treinador-Atleta” (figura 4).

Segundo a literatura sobre o tema, Palma¹⁶, afirma que as equipes coesas apresentam uma maior facilidade de comunicação eficaz, aceitam com maior facilidade as normas de funcionamento em grupo, tem maior confiança face às expectativas de êxito de grupo e em situações esportivas de cooperação ativa, relacionam-se com os bons resultados da equipe.

*

*

*

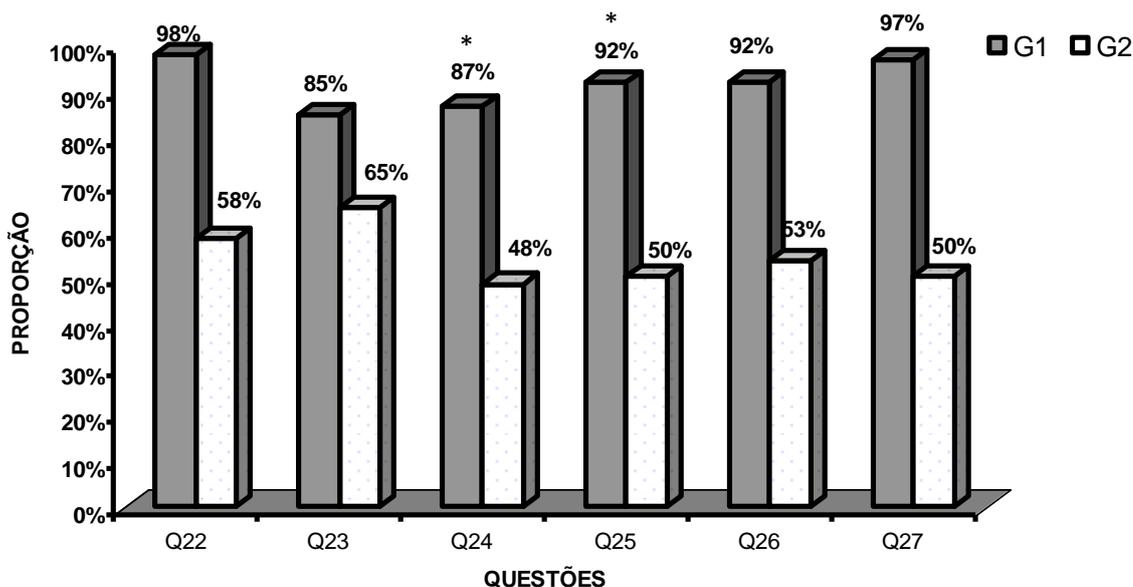


Figura 4: ECT-A das questões referentes ao estabelecimento das metas.

* $p < 0,05$

Legenda: G1 – Alta Qualificação; G2 – Baixa Qualificação.

Analisando a quinta dimensão (figura 5), que trata da percepção que o atleta tem com relação ao seu treinador, pode-se constatar que existem diferenças significativas no comportamento dos sujeitos na relação nos Q28 ($p = ,015$), Q30 ($p = ,031$), Q31 ($p = ,003$), Q33 ($p = ,026$), Q34 ($p = ,016$), Q37 ($p = ,001$), Q38 ($p = ,001$), Q39 ($p = ,013$) e no Q41 ($p = ,002$).

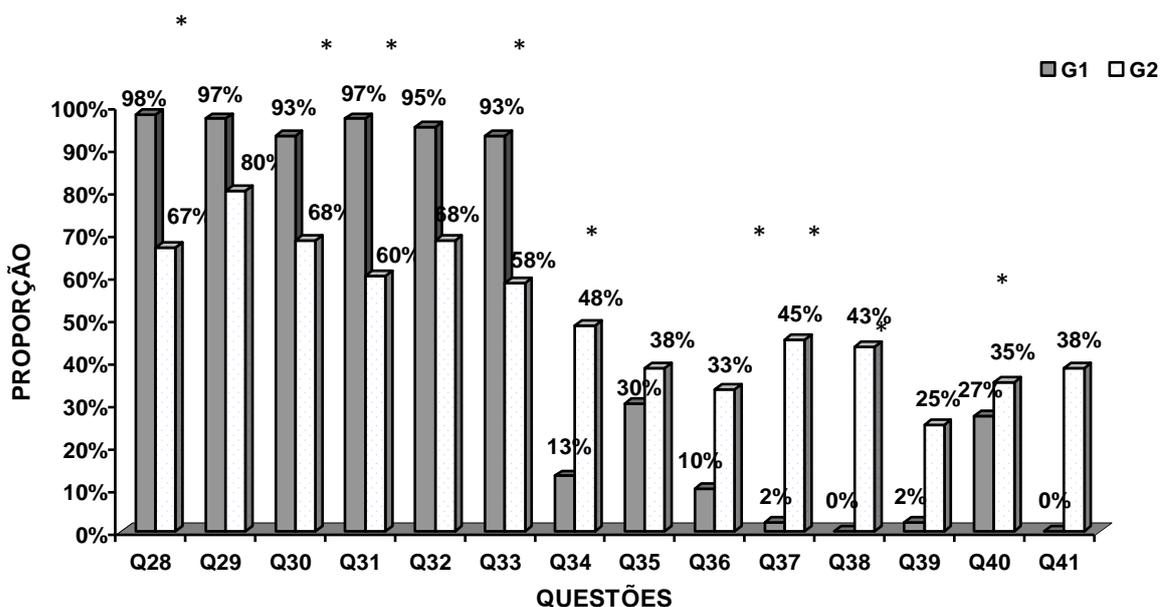


Figura 5: Treinador principal

* $p < 0,05$

Legenda: G1 – Alta Qualificação; G2 – Baixa Qualificação.

DISCUSSÃO

De uma forma geral, no caso do G1, pode-se atentar para a confiança que este grupo demonstra e deposita em relação a seus treinadores, acatando suas decisões sem se preocupar com processo de treinamento e seu sucesso, apenas executando-o. Estes achados corroboram estudos realizados por Lopes¹⁰, quando o mesmo afirma que a confiança no programa de treinamento e condicionamento físico são questões fundamentais para o sucesso do grupo.

No que se refere ao G2, observa-se que há insegurança em relação ao treinamento apresentado pelos seus treinadores. Pode-se citar como um dos fatores desencadeadores da insegurança, o pouco tempo de relação treinador-atleta. Segundo Carron¹¹, isso poderá ser um fator primordial para o insucesso de uma equipe.

De acordo com Cartwright¹², a fragilidade com relação à confiança, deve-se ao desconhecimento de diferentes aspectos da vida do grupo (idade do grupo, tempo de convivência com treinador, coesão, entre outros) serem extraordinariamente complexos, mas embora a relação entre a liderança do treinador e a realização do grupo seja complexa, existem ainda boas razões para considerá-las em conjunto, pois a ausência desses fatores, comprometerá o sucesso da equipe.

O atleta inseguro, segundo Deliberalli⁹, não consegue conviver consigo mesmo. Está sempre num estado de angústia, por isso tende a ter dificuldade em absolver informações quando para ele passada. É um estado de *pré-ocupação* permanente e aí não sobra tempo de viver em harmonia. A coesão é um aspecto essencial no estudo das habilidades técnicas e, talvez, o baixo desempenho do G2 nos resultados finais das competições esteja relacionado com esta deficiência.

Consequentemente, os resultados das competições ficam comprometidos, desestabilizando o desempenho maior a ser alcançado por qualquer equipe¹⁷. Conforme Turman¹⁸, apesar da relação causal entre rendimento e coesão ser mais forte que a relação contrária, não está ainda claramente indicando o fluxo causal e

que variáveis como o tipo de tarefa e a motivação dos membros podem alterar esta relação, não só quando a coesão influencia o resultado da *performance*, mais quando a segunda influencia a primeira.

Costa et al¹³ afirmam a existência de elementos morais, regras ou “normas” de conduta, impondo obediência aos seus membros, idéia que evoluiu até se considerar que é a própria estrutura do grupo que vai organizar um conjunto de regras e papéis que criam as relações no grupo. Segundo Costa¹⁴, os membros do grupo dividem responsabilidades e estabelecem expectativas, atitudes e linhas de comunicação, para além de regras de grupo ou normas formais e informais. Estas últimas são tão poderosas como as outras, mas não são expressas, evoluindo do processo de grupo. Os próprios papéis comportamentais e sociais são aprendidos em constante mudança, incluindo atitudes e valores, mas que estas devem partir de todos envolvidos no grupo e não apenas dos atletas.

Na opinião de Miranda¹⁵, um dos fatores responsáveis pela manutenção de um nível ótimo de motivação é a capacidade psíquica das pessoas para a realização da tarefa ou do treinamento proposto (atletas, no caso do esporte e demais pessoas no caso do exercício físico). A capacidade para a execução de uma tarefa é verificada na medida em que a atividade a ser realizada é mantida por um determinado período de tempo. Nessa capacidade psíquica para a tarefa, há os fatores intervenientes externos (estrutura informativa das tarefas a serem realizadas e as características do meio de convivência) e internos (nível de desempenho, estabilidade emocional e características individuais).

É notório que a existência de variáveis moderadoras como a satisfação, o tipo de tarefa, a motivação ou o nível competitivo, assumem este nível de grande importância. Lopes¹⁰ afirma que o treinador deve aparecer como um bom motivador; ter um projeto ambicioso, ver com amplitude, em longo prazo, permanecendo lúcido; sabe comunicar a sua confiança e o seu entusiasmo, valoriza a pessoa, insiste nos aspectos positivos, apoia-se no prazer, onde se forja o sucesso futuro; pois não há sucesso sem paixão. Estas questões podem ser fatores primordiais no processo de fortalecimento da confiança entre treinador e atletas¹⁹.

Atualmente, o desporto de alto nível está extremamente competitivo, os atletas e treinadores procuram constantemente estar familiarizados e abolir qualquer tipo de fator negativo da relação, para que o processo e a convivência em equipe possam fluir normalmente e com sucesso¹⁴. Já Starkes²⁰ concorda que os atletas

atropelam, machucam, agredem, pressionam, prejudicam intencionalmente outros atletas com o objetivo de ganhar ou de ter sucesso. Essa característica de agressividade deve existir no atleta de alto rendimento, para que o mesmo possa obter a determinação para conquistar seus objetivos.

Estudo de Gomes²¹ afirma que membros de uma equipe devem defender uns aos outros e partilhar objetivos comuns. Bem como desenvolver sentimentos de atração interpessoal, linhas de comunicação e sentimentos de identidade coletiva. Castro *et al*²² consideram que num grupo existe uma troca recíproca de influências, o que leva a acreditar que, o que distingue um grupo de um conjunto de indivíduos é o fato de que num grupo existe uma identidade coletiva, um sentimento de partilha, formas estruturadas de interação e comunicação, interdependência pessoal e na tarefa, um sentimento de destino comum e a percepção de unidade do grupo.

CONCLUSÃO

O estudo com base na amostra permitiu concluir que a percepção do atleta em relação ao comportamento de liderança e coesão do treinador durante o período de competição do Circuito Banco do Brasil de Voleibol de Praia de 2009 apresenta-se melhor na equipe de alta qualificação desportiva do Voleibol de Praia Brasileiro, classificadas até o quinto lugar.

Considerando que as dimensões liderança, treinamento e condicionamento físico, coesão, habilidades técnicas, incentivo psicológico e estabelecimento de metas e objetivos apresentaram maiores proporções neste grupo, do que no de baixa qualificação desportiva. Por último, estas dimensões de grupo refletem a vital interação dinâmica associada ao estado de membro em grupos maduros.

Os membros de uma equipe comunicam no que respeita a preocupações sociais e das tarefas, estabelecem objetivos pessoais e coletivos, para além de relações causais quanto ao sucesso e fracasso da equipe. Recomenda-se que outros estudos sejam realizados, observando a relação entre atletas-atletas, e atletas-líderes de equipes, relacionando-as aos seus respectivos treinadores, utilizando-se uma grande variedade de esportes.

Agradecimentos

Agradecemos ao professor Ms. Luciano Meireles de Pontes pelas sugestões textuais e de normalização realizadas no manuscrito.

RELATION BETWEEN COACH-ATHLETE: PERCEPTION OF BEHAVIOUR OF LEADERSHIP AND COHERENCE (CO- OPERATION) AT BEACH VOLLEYBALL TEAMS

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze and to compare the perception of the athlete in relation with the leadership behavior and cohesion of the trainer during the period of competition of the Circuit Bank of Brazil de Volleyball Beach 2009. The comparative study, approved for the Committee of Ethics in Research of the University Center of João Person, it used a sample from the final rank of the pairs, that had totalized 10 (N=20), being 5 of high and 5 of low esportiva qualification, divided in: G1 (n=10) average of age 28 ± 3 years, first placed and G2 (n=10) 20 ± 3 years, last placed. It was applied Scale de Comportament of the Trainer - Perception Athlete under 5 dimensions: physical training, abilities techniques, psychological incentive, establishment of goals and relationship with the trainer. The SPSS 14.0 for inferencial statistics (*Mann-Whitney U*) and level of significance of 5% was used. One met significant differences between the G1 and G2 in the training and physical conditioning ($p=0,000$), in the abilities techniques ($p=0,004$), in the mental preparation ($p=0,033$), in the goals to be reached ($p=0,033$) and in the perception of the athlete with regard to the trainer ($p=0,001$). The perception of the athlete in relation to the leadership behavior and cohesion of the trainer, is presented better in the team of high porting qualification of the Brazilian Vollleyball Beach, classified until the fifth place.

Keyword: Leadership. Motivation. Behavioral Medicine.

REFERÊNCIAS

1. Chelladurai P. O treinador e a motivação dos seus atletas. *Rev Treino Despor.* 1991;(22):29-36.
2. Serpa SAD. *Psicologia do Desporto e do Exercício-Compreensão e Aplicação.* Faculdade de Motricidade Humana, 2002. *Rev Motric Humana.*
3. Carron AV, Windmeyer WN, Brawley LR. Group Cohesion and Individual Adherence to Physical Activity. *J Sport Exerc Psychol.* 1998;10:127-38.
4. Deakin JM, Coble Y S. A search for deliberate practice: an examination of the practice environments in figure skating and volleyball. In: Starkes, J. L.; Ericsson, A.K. (Eds.). *Expert perform in Sports.* Champaign: Human Kinetics, 2003.
5. Serpa SAD. A preparação psicológica no desporto. *Rev Educ Fis Desp.* 2008;8:41-8.
6. Moraes LC, Lôbo ILB. Processo de validação da escala de comportamento do treinador - versão atleta (ECT-A). *Rev Bras Educ Fis Esp* 2005;19(3):225-65.
7. Dantas SMP. *Relação entre Estado e Predisposição Genética no Futsal Brasileiro [Doutorado].* Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2004.
8. Díaz FR, López FGB. *Bioestatística.* São Paulo: Thomson; 2007.
9. Deliberalli I. *Anciedade e insegurança.* Disponível em: www.somostodosum.ig.com.br. Acesso em 26 out. 2009.
10. Lopes MC. *Análise do perfil ideal do treinador de voleibol.* Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais; 2003.
11. Carron AV, Bray SR, Eys MA. Team cohesion and team success in sport. *J Sport Scie.* 2002; 20(2):119-26.
12. Cartwright D, Zander A. *Liderança e realização do grupo: Dinâmica em Grupo,* 2007.
13. Costa IT, Samulski DM, Marques, MP. Análise do perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Mineiro de 2005. *Rev Bras Cien Mov* 2006; 14(3): 55-62.
14. Costa, MM. Esporte de alto rendimento: produção social da modernidade - o caso do vôlei de praia. *Soc. estado.* [online]. 2007;22(1): 35-69.
15. Miranda R. *Psicologia do Esporte: Entenda a relação entre corpo, mente, saúde e bem-estar.* www.1uol.com.br/vyaestelar/motivacao.htm; 2006.
16. Palma NMC. *A Relação Treinador-Atleta; Caracterização da relação Treinador-Atleta em situação de Treino de Futebol [Mestrado].* Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana; 2003.
17. Leitão JC. *A relação treinador-atleta: Percepção dos comportamentos de liderança e de coesão em equipas de futebol. [Doutorado].* Coimbra: Universidade de Coimbra; 2006.
18. Turman PD. Coaches and cohesion: the impact of coaching techniques on team cohesion in the small group sport setting. *J Sport Behav* 2003;26:86-105.
19. Neto AC. *Confiança: a base de um líder.* Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0041&area=d8. Acesso em 26 out. 2009.
20. Starkes JL, Ericsson AK. *Expert perform in Sports.* Champaign: Human Kinetics. 2003:275-93.
21. Gomes ARS. *Liderança e Relação Treinador-Atleta em Contextos Desportivos [Doutorado].* Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana; 2005.

22. Castro SM, Rinaldi CS, Selaive RR. Estudio de las competencias de liderazgo. Rev. Chil Radiol. 2008;14(2): 94-98.